

Farpas do secretário que se despede

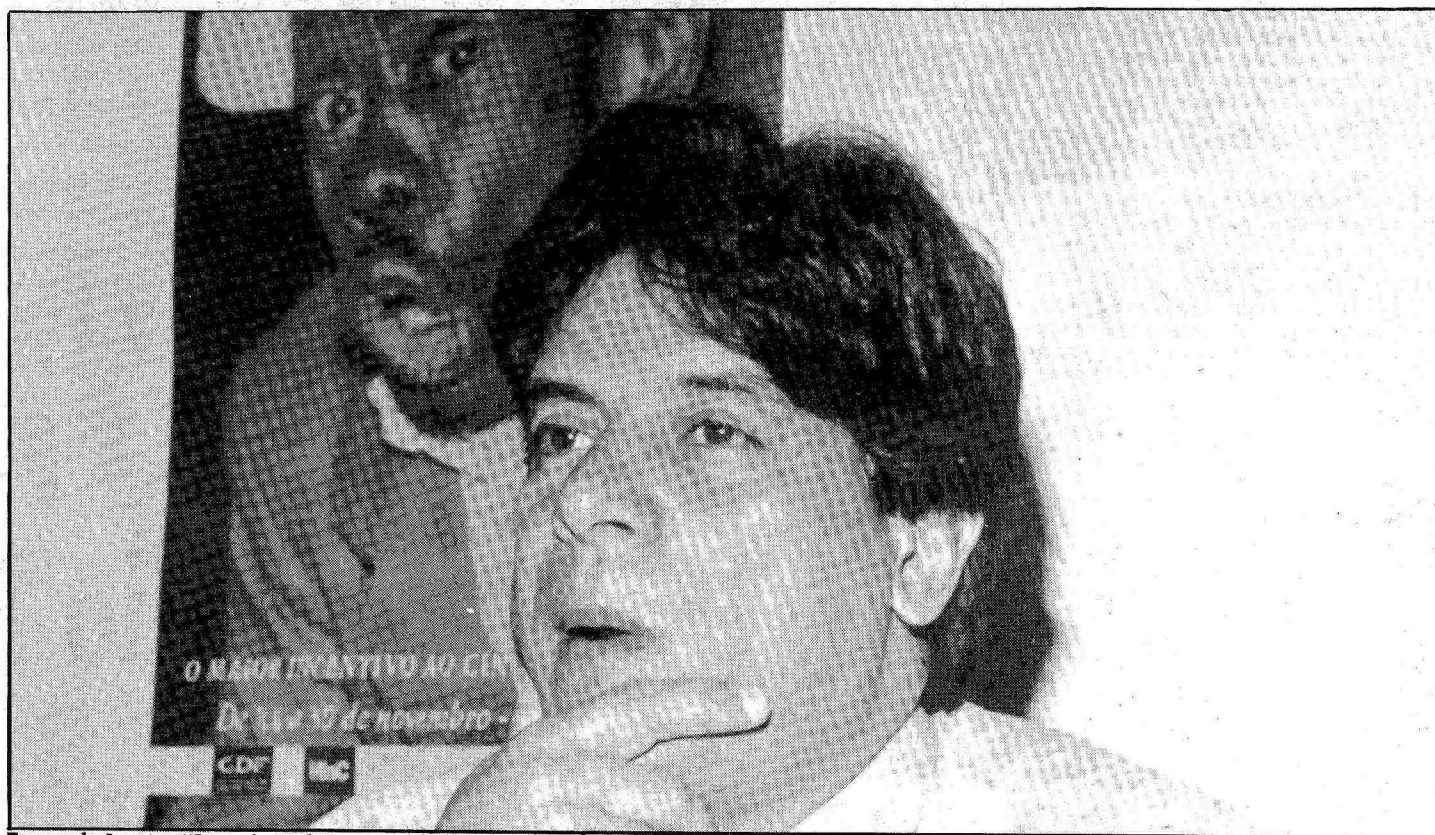
César fala pouco, e só depois de muita meditação. Fernando fala demais e adora detratar os que o criticam. Para Julio Medaglia que, em carta ao **Jornal de Brasília**, fez comentários nada lisonjeiros ao secretário de Cultura e à diretora-executiva Maria Luíza Dornas, Lemos deixou esta observação: "Júlio é melhor *marketeiro* que músico". Para os amigos, tudo. Rogério Duarte, diretor do MAB, pode deixar a equipe de seu sucessor. Mas de Lemos, só levará elogios: "Ele é um dos gênios da raça. Colocou Brasília no circuito de grandes exposições. Graças a ele tivemos na cidade mostras como a de Eisher, Boeyus e Wega Nery".

Não adianta julgar sua administração. Dizer que Lemos se perdeu entre grandes planos de alcance nacional (Pólo de Cinema, à frente) e a coisa miúda da política provinciana (sustentada em currais eleitorais) não o perturba. Deixa o cargo por "motivações unicamente pessoais" e garante estar "feliz e com a consciência tranqüila". As críticas que lhe renderam o apostado de "secretário ausente" (cuidava mais do gabinete do governador, que da Cultura e do Esporte) também não o incomodam. "Sou avesso à burocracia. Talvez seja assim por minha formação como jornalista. Vejo tudo de forma abrangente. Não tenho aptidão para a coisa pequena". Jura estar "cansadíssimo" depois de anos dedicados à ação governamental (primeiro com José Aparecido e, depois, com Roriz). "Pensei não haver, no mundo, atividade mais desgastante que o jornalismo. Descobri que atuar no governo é pior. Trabalha-se das sete às 23h00".

Balanco — Lemos avisa que ainda vai ajudar Baiocchi por, pelo menos, "duas semanas". "Vou — promete — ajudá-lo a buscar apoio do Bradesco para a conclusão da Casa do Teatro Amador; levá-lo ao secretário Everardo Maciel para que possam, junto com o deputado Geraldo Magela, encontrar formas de viabilizar a Lei de Incentivos Fiscais à Cultura e ajudar na organização do Festival de Cinema e do Calendário Turístico-Cultural".

Ficam as promessas e o balanço de sua gestão, tópico por tópico.

Pólo de Cinema — "É um projeto vitorioso. Ajudamos na finalização de vários filmes e na produção de, entre outros, *A Terceira Margem do Rio*, de Nelson Pereira. Pagamos todos os



Fernando Lemos: "Pensei não haver atividade mais desgastante que o jornalismo; descobri que atuar no governo é muito pior"

produtores premiados pelo Edital de Produção de Filmes e Vídeos. Este ano, o Pólo vai investir em equipamentos e produzir três filmes. Como os recursos são poucos, não abriremos Edital para 16 projetos, como em 92. O novo edital será de menor alcance e dará melhor pontuação aos filmes que tiverem a cidade como cenário ou nossa sede campestre como estúdio".

Teatro da Praça — "Este ano sai. O projeto do arquiteto Antônio Eustáquio é muito grande e, por isto, será feito em módulos. Taguatinga merece um centro cultural e vai tê-lo. As satélites são a prioridade do governo Roriz. Depois vamos atender ao Teatro de

Sobradinho, caso bem mais grave, pois lá as estruturas estão abaladas".

FAAC (Fundo de Apoio à Arte e à Cultura) — "O BRB precisa apostar no Faac. Destinar a ele todos os recursos que aplica em projetos culturais. Esta foi minha intenção e é, tenho certeza, a de meu sucessor".

Casa do Teatro Amador — "Ela foi inaugurada antes de estar pronta e, ainda por cima, apresentou problemas que o próprio Niemeyer reconhece. Os assistentes do arquiteto já prepararam as soluções necessárias. Na medida do possível, elas serão executadas. Mas a prioridade, repito, são as satélites. O

Plano Piloto está muito bem servido de espaços culturais".

Sala Funarte — "O caso é grave. As obras arquitetônicas são simples. O duro será equipar o espaço, pois todos os equipamentos que lá existiam foram levados para o Centro Cenotécnico Pernambuco de Oliveira, no Rio, e ao que se consta, deterioraram-se. Com o fim da Fundação Nacional de Arte, decretado pelo governo Collor, Brasília perdeu espaço de muito estima".

Júlio Medaglia — "O tenho em alta conta. Mas vamos botar os pingos nos is. Ele diz que nos encaminhou projeto cultural para a Sinfônica. Não é verdade. Mandou um rabisco, meia folha, por fax. Nestes rabiscos, propunha a semiprivatização do Teatro Nacional. Ora, não posso tomar uma decisão desta grandeza sem um estudo detalhado. Faltou a ele paciência para esperar o plano de reestruturação de cargos. Para os músicos, faltava ao maestro paciência e gosto por ensaios. Ele não se interessava em mostrar peças complexas pois elas exigiam muitos ensaios. Medaglia tinha muitos compromissos fora daqui. Queria que contratássemos um *manager* com direito a comissões nos contratos que obtivesse. Isto, no serviço público, constitui ilegalidade. É institucionalizar a prática João Alves". (MRC)

ASSESSORES

Secretário-adjunto: B. de Paiva (que substitui Gedeon Campello)
Diretora da Fundação Cultural: Maria Luíza Dornas (permanece)
Coordenador de Intercâmbio e Integração: Néio Lúcio
Diretor de Espaço Cultural da 508 Sul: Tetê Catalão (permanece)
Museu de Arte de Brasília: Rogério Duarte (a situação do MAB será repensada)
Arquivo Público do DF: Bernardo Araújo (permanece)
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico: Sílvio Cavalcanti (permanece)
Pólo de Cinema e Vídeo do DF: Maria Helena Matta Machado (o projeto será rediscutido)
Teatro Nacional: Geadean Campello (o novo nome será definido depois se definidas as linhas de ação do Teatro)
Rádio Cultura: Cristiano Menezes (permanece)
Conselho de Cultura do DF: há três vagas na representação do Governo. Uma será ocupada por Geraldo Moraes.
D.A.G. (Departamento de Assuntos Gerais) e outros órgãos técnicos — "Continuam na mão de funcionários de carreira da Fundação Cultural".

BASTIDORES

- O Gabinete do governador Roriz recebeu lotação completa na cerimônia de posse. Estavam lá os cineastas Vladimir Carvalho e Geraldo Moraes; o comandante do Bumba-Meu-Boi, Teodoro Freire; todos os membros do Conselho de Cultura do DF e vários secretários de Estado. Como a área não costuma render votos, podia-se contar nos dedos os deputados distritais presentes.
- A primeira gafe da solenidade foi cometida por César Baiocchi, que chamou o governador Joaquim Roriz de *Benjamin Roriz*. A segunda foi do próprio governador, que chamou B. de Paiva de B. de Sá. Só que as duas "distrações" foram corrigidas com bom-humor. Fernando Lemos ajudou Roriz, que anunciou de pronto e corretamente o nome do futuro secretário-adjunto. Colombo, irmão de Baiocchi, encaminhou bilhete à mesa. O novo secretário pediu para usar o microfone e leu, então, as quatro linhas onde o irmão justificava o lapso: "São os laços de amizade e a idade mais avançada de Benjamin, que conheço há muitos anos, que me induziram a cometer este ato falho".
- Fernando Lemos garante que, agora, está mesmo fora do GDF. Desempregado? "De certa forma, sim", responde. O que vai fazer? "Nem eu mesmo sei". Conversas com amigos próximos ao ex-secretário indicam pistas seguras: ele deve voltar ao Senado Federal, que o tem como funcionário. E, tudo indica, vai trabalhar na equipe de campanha de Fernando Henrique Cardoso para a presidência da República.
- O ministro da Cultura, Luiz Roberto do Nascimento e Silva está querendo melhorar sua imagem junto aos brasileiros. Compareceu à posse de César Baiocchi, lembrou que residiu aqui de 75 a 77, enalteceu o trabalho do amigo Fernando Lemos, "em especial a criação do Pólo de Cinema e Vídeo e do Espaço Cultural da 508 Sul", e falou de César Baiocchi, "um mecenas" do Projeto Cabeças. Só errou a década de ação do Centro Cabeças de Arte: foi a de 80, não a de 70. (MRC)